

Introdução

Rigoroso, generoso e empolgante na sua forma de transmitir o conhecimento, conduzindo cada uma das muitas lições que fizeram a sua carreira com a competência e a naturalidade de um dom, José Custódio Vieira da Silva foi sempre, acima de tudo, o eloquente Professor. Foi nesse papel que muitos dos que hoje seguem percursos pelos caminhos da História da Arte em Portugal o conheceram. Foi nesse papel – atrevemo-nos a dizê-lo – que sempre mais à vontade se sentiu. Faz, por isso, sentido que seja por aí que começemos.

Natural de Braga, mas cedo apaixonado por Setúbal, José Custódio Vieira da Silva concluiu a licenciatura em História em 1976 (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), realizada ao mesmo tempo que cumpria serviço militar. A sua apetência pela partilha do conhecimento (e o ensaio de estratégias essenciais a fazê-lo de forma eficaz) revelou-se nas salas de aula do Ensino Secundário, onde lecionou durante uma década (1975-1986). Em 1983 integrava o grupo de candidatos ao Mestrado em História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, primeira formação específica na área a ser oferecida em Portugal, delineada (e fortemente influenciada) pelo entusiasmo e o saber dos carismáticos Profs. Doutores José Manuel Bairrão Oleiro, Artur Nobre de Gusmão e José-Augusto França. Concluía, com nota máxima, a dissertação em 1986, tendo-se debruçado sobre *O Tardo-Gótico na Arquitectura Religiosa do Alentejo*, sob a orientação do Prof. Nobre de Gusmão (à qual voltaremos mais adiante). Nesse mesmo ano, a abertura de um concurso público criava a oportunidade de enveredar pela carreira académica, construída, desde então, em ligação profunda e permanente ao Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e na herança assumida e bem trabalhada do Prof. Gusmão. Em 2013, encerrava um intenso e riquíssimo percurso docente, na qualidade de Professor Catedrático. Pelo caminho, imprimira a sua marca – até hoje visível – nas cadeiras (depois unidades curriculares) de História da Arte Medieval, História da Arte Gótica, História da Arte Gótica em Portugal, História da Arte Manuelina (licenciatura), História da Arte Medieval I e II, Paços Medievais Portugueses e Arquitectura Gótica em Portugal (Mestrado). No mesmo período, a conclusão – mais uma vez com distinção e louvor – do Doutoramento sobre arquitetura civil da Idade Média portuguesa, em 1993, constituía novo marco na carreira docente, como na investigação, do Professor, tal como ocorreu com as

brilhantes provas de agregação que realizou em 2003, com uma lição seminal sobre a tumulária gótica portuguesa.

A participação ativa na vida da faculdade – traduzida numa presença constante e no citado rigor no cumprimento de toda e qualquer responsabilidade decorrente do papel de docente – refletiu-se ainda no desempenho de outros cargos e na promoção de uma série de atividades pensadas para a investigação e o ensino, quer como Vice-Presidente do Conselho Científico da FCSH (2005-2006), quer como Coordenador Executivo do Departamento de História da Arte (1995-1997; 2003-2005; 2007-2013), como Presidente (1995-1997; 2003-2005) e Vice-Presidente da Comissão Científica do Departamento (1993-1995; 2001-2002) ou mesmo como Presidente do Instituto de História da Arte (1997-2004), unidade de investigação na qual continuou depois como coordenador da linha de Arquitetura e Artes Visuais e de Arte Medieval (2011-2013).

No exercício da docência, muitas foram as horas passadas, com alunos, curiosos e especialistas, dentro e fora das salas de aula, em visitas de estudo constantes, orientações de teses de Doutoramento (7) e dissertações de Mestrado (19), participação em júris de provas académicas (147), realização de guiões, intervenções em cursos de formação, organização de encontros científicos, curadoria de exposições – sempre pondo em prática uma brilhante capacidade comunicativa, uma poética forma de olhar o objeto artístico e de nos cativar para ele, e uma exigência que, oriunda do seu próprio discurso, foi incutindo nos alunos uma metodologia científica, crítica e atual na abordagem do fenómeno tão rico, fascinante e complexo que é a Idade Média e a sua produção artística.

Sem dúvida que o estímulo para continuamente questionar, problematizar e aprofundar a investigação, no sentido de rever velhas teses e sustentar as nossas novas, constituiu a mais valiosa herança que deixou em todos aqueles que tiveram o prazer de ser seus alunos. A maior parte da investigação que desenvolveu ao longo da sua carreira como historiador de arte incidiu sobre três áreas: arquitetura religiosa entre o gótico e o manuelino; arquitetura tardo-gótica civil; e escultura funerária gótica. Não sendo o objetivo, e a natureza, desta introdução apresentar cada uma das suas publicações, cuja relação integral se encontra no final deste volume, lembramos apenas um dos seus estudos que mais nos marcaram. O trabalho em questão é o livro *O Tardo-Gótico em Portugal. A Architectura no Alentejo* publicado em 1989, por mão do saudoso Dr. Rogério Moura, na coleção “Estudos de Arte” da editora Livros

Horizonte, e que resultou da tese de mestrado apresentada por José Custódio Vieira da Silva em 1986, sob orientação de Artur Nobre de Gusmão. Num tempo em que as teses de mestrado estavam muito próximas, em extensão e problematização, das teses de doutoramento dos nossos dias, José Custódio Vieira da Silva realizou uma análise integrada da arquitetura tardo-gótica alentejana, enfatizando as implicações geoculturais do mediterrâneo latino nas soluções inovadoras, e singulares, dessa arquitetura alentejana, tanto em termos de tecnologia e materiais, como na sua espacialidade e na poética das formas utilizadas, entre o mudéjar e o manuelino. Trata-se de uma obra recheada de interpretações inovadoras e explicações solidamente alicerçadas, boa parte das quais, como referimos, resultou de um intenso trabalho de campo realizado em Portugal, Espanha e sul de França. De qualquer modo, e isso será um dos traços das publicações de José Custódio Vieira da Silva, é igualmente uma obra maior do ponto de vista literário, dotada de uma escrita límpida e poética, que tornam a sua leitura apaixonante mesmo para um público não especializado.

É ao Professor e ao Investigador que, pelo inestimável contributo que deixou à historiografia da arte medieval portuguesa, formando novos estudiosos da temática e passando ao papel os resultados de uma marcante prática investigativa, que o tributo se impõe através desta obra. De uma forma singela, juntando estudos de antigos alunos e colegas e ainda de alguns investigadores em formação, pretendemos fazer uma justa homenagem ao trabalho que nos deixou e aos caminhos que abriu e que hoje, com o peso de uma responsabilidade estimulante, percorremos. Coube-lhe, afinal, em todos (bem) semear *o fascínio de Gótico...*